

[INDICE / INDEX]

ISSN 2182-6552

MULTIMED

REVISTA DO RESEAU MEDITERRANEEN DE CENTRES D'ETUDES ET DE FORMATION

EDIÇÕES UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

MULTIMÉDIA · Nº.02

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

...the ...

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: **Multimed: Revista do Réseau Méditerranéen de Centres d'Études et de Formation**

© 2012 – Universidade Fernando Pessoa

DIRECTORES: **Lucienne Cornu** (Université Aix-Marseille III, France); **Bruno Ravaz** (Université Sud-Toulon-Var, France)

EDITORES DESTE VOLUME: **Rui Torres** (Universidade Fernando Pessoa, Portugal); **Kenia Maria Menegotto Pozenato** (Sapiens - Centro de Educação e Cultura, Caxias do Sul, RS, Brasil)

COMISSÃO DE ESPECIALISTAS: **Kenia Maria Menegotto Pozenato** (Sapiens - Centro de Educação e Cultura, Caxias do Sul, RS, Brasil)

COMISSÃO CIENTÍFICA: **Adela Rogojinaru** (Université de Bucarest, Roménia)

Benoit Cordelier (Faculté de Montréal); **Gino Gramaccia** (Université Bordeaux 1, France); **Hulya Tanriover** (Université Galatasaray, Turquia); **Jorge Pedro Sousa** (Universidade Fernando Pessoa, Portugal); **Luis Pinuel** (Universidad de Madrid, Espanha); **Mohamed Lakhdar Maougal** (Algéria); **Mónica Rector** (University of North Carolina at Chapel Hill, United States); **Nicolas Pélissier** (Université de Nice, France); **Ricardo Pinto** (Universidade Fernando Pessoa, Portugal); **Rui Torres** (Universidade Fernando Pessoa, Portugal); **Xosé Lopez Garcia** (Universidad de Santiago de Compostela, Espanha)

EDIÇÃO: **Edições Universidade Fernando Pessoa**
Praça 9 de Abril, 349 • 4249-004 Porto - Portugal
Tel. 22 507 1300 • Fax. 22 550 8269 • edições@ufp.edu.pt

COMPOSIÇÃO: **Gabinete de Design da UFP da Universidade Fernando Pessoa**

ISSN: **2182-6552**

Reservados todos os direitos. Toda a reprodução ou transmissão, por qualquer forma, seja esta mecânica, electrónica, fotocópia, gravação ou qualquer outra, sem a prévia autorização escrita do autor e editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.

BIBLIOTECA NACIONAL - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

ISSN 2182-6552

MULTIMED

Multimed: Revista do Réseau Méditerranéen de Centres d'Études et de Formation / Lucienne Cornu, Bruno Ravaz (dirs.). - Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2012 - 163 p.; 21 cm
ISSN 2182-6552

Estudos multimidiáticos -- [Periódicos] / Cibercultura / Comunicação digital / Estudos culturais / Estudos mediterrânicos / Globalização / Redes sociais

CDU 004.7:316.77(05)
316.77(05)

NOVA ORDEM INTERNACIONAL

KENIA MARIA MENEGOTTO POZENATO¹

LORAINÉ SLOMP GIRON²



Nada há que seja verdadeiramente livre nem suficientemente democrático. Não tenhamos ilusões, a Internet não veio para salvar o mundo.

José Saramago

RESUME: Cet essai a par objectif d'analyser les changements causés par les nouvelles technologies, qui touchent le nouvel ordre mondial d'une façon en générale et ce du Brésil en particulier. Ce travail est basé sur la recherche Culture et Communication: l'effet des nouvelles technologies (TV, Internet) dans les communautés rurales du Rio Grande do Sul (Sud du Brésil) (1985-2005) et il est partagé en quatre parties: nouvelle réalité, nouvelles théories ; en politisant l'Internet ; l'Internet et le Brésil e, à la fin, de l'homme au discours. Dans la première sont analysées la nouvelle réalité et des théories sur les nouveaux médias ; dans la seconde, l'on parle de l'action politique véhiculée par l'Internet et les tentatives de contrôler ce nouveau média ; dans la troisième l'on étudie le cas brésilien par rapport aux internautes ; à la dernière, l'on retourne aux conquêtes et aux théories qui basent ce nouveau média.

MOT-CLES: Internet. Nouvelle réalité. Action politique. Brésil.

ABSTRACT: This paper aims to analyze changes caused by new technologies, which affect the international order in general, and Brazil's order in particular. The work is based on the research Culture and Communication: the effect of new technologies (TV, Internet) in rural communities from Rio Grande do Sul (South of Brazil) (1985-2005), and it is divided into four parts: new reality and new theories, politicizing internet, internet and Brazil, and finally from man to speech. In the first part new reality and theories are analyzed once they deal with new media; the second part is about the policy action propagated through the internet and

¹ Professora da Universidade de Caxias do Sul, Brasil. E-mail: kpozenato@terra.com.br

² Professora da Universidade de Caxias do Sul, Brasil. E-mail: loraines@terra.com.br

attempts to control this new media; the third part studies the Brazilian case related to internet users; lastly, it returns to the conquests and theories that base this new media.

KEYWORDS: Internet. New reality. Political action. Brazil.

RESUMO: O presente ensaio tem por objetivo analisar as mudanças ocasionadas pelas novas tecnologias, que afetam a ordem internacional de uma forma geral e a do Brasil em particular. O trabalho baseia-se na pesquisa Cultura e Comunicação: o efeito das novas tecnologias (TV, Internet) nas comunidades rurais do RS (1985-2005), e se divide em quatro partes: nova realidade e novas teorias, politizando a Internet, a Internet e o Brasil e, por fim, do homem ao discurso. Na primeira se analisam a nova realidade e teorias que tratam das novas mídias; na segunda se trata da ação política veiculada pela Internet e as tentativas de controle dessa nova mídia; na terceira se estuda o caso brasileiro em relação aos internautas; por último, retorna-se às conquistas e às teorias que embasam a nova mídia.

PALAVRAS-CHAVE: Internet. Nova realidade. Ação política. Brasil.

NOVA REALIDADE, NOVAS TEORIAS

É inegável que novas tecnologias e novas realidades exigem novas explicações teóricas. Julgar que elas são neutras é imaginar um mundo fantástico, onde o homem já não tem lugar.

Nos anos 80 do século passado ocorreu uma verdadeira revolução na área da informática. Sendo fato novo, a nova mídia vai repercutir na análise teórica. As novas tecnologias fazem parte dessa revolução, assim como dela também resultam as novas explicações. No bojo dessas mudanças, uma tem passado despercebida, pois elas são mais profundas do que aparentam. Santos (2003, p. 74) constata um novo entendimento das tecnologias, que parecem deixar de ser um meio para tornar-se um fim em si, corroborando a afirmação de McLuhan “o meio é a mensagem”, em que o autor enfatiza o papel do código e do canal, que acabam por modificar a mensagem, de acordo com sua estrutura, alterando inclusive seu poder de impacto.

Desde as revoluções científica e industrial que ocorreram na Europa, a tecnologia tem sido alçada de sua condição de meio para preencher necessidades humanas à finalidade e objetivo da aspiração humana. Tal mudança também significou que a transformação tecnológica deixou de ser considerada e avaliada com base em valores humanos; ao contrário, a existência humana passou a ser considerada segundo o

padrão da rápida mudança tecnológica. [...] A tecnologia não precisava mais ser adaptada à sociedade e à natureza; passou-se a esperar que a sociedade e a natureza se adaptassem à tecnologia; e para essa adaptação impositiva e violenta nenhum custo social e ecológico foi considerado excessivo. (SANTOS, 2003, p. 75)

Não é de estranhar, pois, quando se sobrepõe a tecnologia ao homem e à natureza, que as novas explicações sobre elas deixem o social e se encaminhem para o físico-matemático. As próprias análises das redes deixaram de ser realizadas sob a ótica das ciências humanas, passando a ser examinadas sob o ponto de vista físico-matemático, ou seja, um conhecimento exato que deve ser seguido pelo homem e não seguir o homem como um meio.

Não se pode esquecer que a análise do conceito de redes tem início muito antes da análise das redes midiáticas. Não foi na física, nem na matemática, que a noção de rede social teve início. Foi o antropólogo norte-americano John Barnes quem passou a usar a expressão “redes sociais” de forma conceitual, em relação à sociedade, para indicar laços entre grupos sociais, tribos e famílias, após realizar um estudo sobre uma pequena vila de pescadores na Noruega. Esse estudo colocou em evidência a importância dos vínculos sociais não-familiares e a expressão, desde então, passou a ser usada em relação a grupos organizados da sociedade.

Tanto as redes da Internet como os weblog (ou blogs, como são mais conhecidos) são recentes na comunicação social. A Web 2.0 foi criada por Tim Berners-Lee, físico inglês, e posta no ambiente virtual em 13 de março de 1989. “Os blogs, por sua vez, se originaram em 1999, quando três programadores norte-americanos, da empresa PyraLabs, criaram o Blogger (www.blogger.com), uma ferramenta de atualização dinâmica de conteúdo para a web.” (CABRAL FILHO; COUTINHO. In: FRAGOSO; MALDONADO, 2009, p. 89)

Se os fatos são recentes, mais ainda o são as teorias que os explicam, que tiveram início no século XXI. Ainda assim, foi durante o século XX que as explicações começaram a ser realizadas, como destaca Recuero (2004), que julga que as redes da física e da matemática deram origem à explicação de Barnes.

O interesse no estudo de redes complexas permeia todo o século XX. Iniciado pelas ciências exatas, matemáticos e físicos trouxeram as maiores contribuições para o estudo das redes, que depois foram absorvidas pela sociologia, na perspectiva da análise estrutural das redes sociais. (RECUERO, Internet, 2004)

Na realidade não foram nem físicos nem matemáticos que trabalharam pela primeira vez o conceito de rede, mas este simplesmente surgiu da prática. Segundo Rodrigues (2007, p. 10), em sua tese sobre as redes complexas, deve-se a Leonhard Euler, que utilizou o conceito de grafos³ para resolver o problema prático das Sete Pontes de Königsberg (Prússia, século XVIII). Mais tarde, esse conceito foi utilizado pela sociologia, na década de 50 do século XX. “Esta aplicação revelou que a teoria dos grafos pode ser usada como ferramenta prática para analisar dados empíricos”. Segundo a mesma fonte (Idem p. 24):

[...] o desenvolvimento da Internet e a disponibilidade de informações que possibilitassem a construção de redes biológicas, sociais, tecnológicas e de informação foram fundamentais para o desenvolvimento da teoria das redes complexas.

No fim do século XX e no início do século XXI a rede social passou a ser utilizada como paradigma das ciências sociais, aplicado em várias outras áreas, como antropologia, biologia, estudos de comunicação, economia, geografia, ciências da informação, psicologia social e serviço social.

Frey (2003) destaca que:

Um ponto de partida importante para a nossa reflexão é a concepção da sociedade em rede de Manuel Castells, segundo a qual a sociedade moderna é caracterizada pela predominância da forma organizacional da rede em todos os campos da vida social.

No fim do século XX e no início do século XXI a rede social passou a ser utilizada como paradigma das ciências sociais, aplicado em várias outras áreas, como antropologia, biologia, estudos de comunicação, economia, geografia, ciências da informação, psicologia social e serviço social.

As redes sociais que se formam na Internet são uma das muitas modificações acontecidas na sociedade, ligadas às novas tecnologias na informação. Entre outras, pode ser citada a influência política das redes sociais, em geral acusadas de ser um dos principais fatores alienantes da juventude do século XXI.

Atualmente, formam-se redes sociais com os propósitos mais diversos. Entre tantos exemplos, existem as que congregam pessoas que simplesmente procuram fugir da solidão, as que difundem fotos e vídeos, as que querem se fazer “ouvir”

3 Grafo: conjunto cujos elementos são unidos por arcos.

pela sociedade e as que são utilizadas com finalidade política, como o blog da jornalista cubana e professora licenciada em Filosofia, Yoani Sánchez, que criou um espaço virtual para denunciar injustiças ocorridas no regime de Fidel, que agora continua sob o comando do irmão, Raúl Castro, contornando as limitações à liberdade de expressão em Cuba.

Molon (2010, p. 2) apresenta um levantamento realizado através da Wikipédia, “[...] fonte indispensável no caso desse estudo [...]”, no qual aparecem devidamente catalogadas 171 redes sociais. O autor ainda diz que:

Contabilizando, apenas as 108 redes que apresentam seu número de participantes, são 1.068.071.716 de perfis registrados. [...] Mais da metade deles, 600.000.000, dividem-se em apenas 4 grandes redes sociais: Facebook, com 300.000.000; Myspace, com 130.000.000; Orkut, com 120.000.000, e Hi 5, com 50.000.000. (SIC)

Como se vê, os números são muito significativos, uma vez que esses dados são apenas de uma parte das redes catalogadas, das que apresentam número de participantes. Desses, segundo o mesmo estudo, “Brasileiros são os que despendem mais tempo com elas” (Idem).

Esse relacionamento intenso, sem barreiras físicas, tem a capacidade de criar vínculos e alterar culturas. Na realidade, acaba criando a chamada cultura da Internet, com valores próprios de um determinado grupo, o que altera a prática social desse grupo.

Castells (2004) sociólogo espanhol reconhecido no mundo inteiro por seu trabalho, apresenta “reflexões” sobre essa cultura, que é própria de cada rede, dizendo que ela se estrutura em quatro estágios, dos quais o epicentro seria a própria Internet. Esses quatro estratos culturais seriam a cultura tecnomeritocrata, a cultura hacker, a cultura comunitária virtual (foco deste estudo) e a cultura do empreendedorismo, voltada para os negócios. Segundo suas próprias palavras, “A cultura comunitária virtual acrescenta uma dimensão social ao compartilhamento tecnológico, fazendo da Internet um meio de interação social seletiva e de integração simbólica [...]” (CASTELLS, 2004, p. 34). Em se tratando de números, esta última distancia-se das demais em relação à quantidade de participantes.

São essas comunidades virtuais que, por meio da Internet, podem adquirir o poder de alterar as formas sociais e os processos culturais. Talvez seja essa a razão pela qual o jovem se sinta tão atraído para essas redes: elas lhe dão poder, o poder de participar, o poder de influenciar nos destinos políticos das nações.

POLITIZANDO A INTERNET

Não são apenas as redes sociais que possibilitam a participação política dos internautas. Mais e mais governos têm feito da Internet um espaço de participação e interação entre o poder dirigente e a população, com a criação de uma espécie de governo eletrônico. Este é o caso do governo do Estado de São Paulo, que tem uma página na Internet, onde há uma base de dados disponível que traz informações sobre seus programas e projetos sociais, permitindo interação. Frey é um dos autores que acredita que tal procedimento pode gerar maior transparência com o surgimento de políticas decorrentes da participação popular. (FREY, 2002, p.145)

Para Castells (2004, p. 34), a Internet nasceu de uma “[...] encruzilhada insólita entre a Ciência, a investigação militar e a cultura libertária”. Tal ambiente fez dela um espaço tanto libertário como acadêmico e, ainda, de estratégia militar. Esse cruzamento revela sua complexidade e importância, o que a torna relevante e ao mesmo tempo perigosa. Em entrevista ao jornal El País, em janeiro de 2008, o autor destaca que há um “[...] descompasso entre a capacidade tecnológica e a cultura política [...]”. Segundo ele, isso se deve ao fato de que o sistema político “[...] não está aberto à participação, ao diálogo [...]”. Completa sua idéia afirmando que:

A velha sociedade tem medo da nova, os pais dos seus filhos, as pessoas que têm o poder ancorado num mundo tecnológico, social e culturalmente antigo do poder que lhes abalroa, que não entendem nem controlam e que percebem como um perigo. E no fundo é mesmo um perigo. Porque a Internet é um instrumento de liberdade e de autonomia, quando o poder sempre foi baseado no controle das pessoas por meio do controle da informação e da comunicação. Mas isto acaba. Porque a Internet não pode ser controlada. (CASTELLS, Internet, 2008)

Tal ponto de vista explica porque a preocupação dos governos se limita à forma possível de controlar a Internet e não como é possível tornar a administração mais transparente e imune às denúncias. Por fim, o autor dá seu próprio testemunho:

Estive em várias comissões de assessoria de governos e instituições internacionais nos últimos 15 anos, e a primeira pergunta que os governos sempre fazem é: como podemos controlar a Internet? A resposta é sempre a mesma: não se pode. Pode-se vigiar, mas não controlar. (Idem)

Talvez isso ocorra porque a geração pós 1985, que cresceu utilizando as novas tecnologias, devido a sua idade, ainda não ocupa os principais cargos de mando nos países, ainda não assumiu o poder político.

Castells responde de forma categórica à questão de como se pode controlar a Internet, afirmando que para tal controle não há meios possíveis. Mas de qualquer forma o medo do poder da Internet pelos governos que tentam dominar os destinos do mundo parece ser bem maior do que o poder a ela atribuído. Sozinha, ela não pode alterar a ordem mundial, nem mudar o curso da história, pois, sendo ela um meio de comunicação, nunca poderá ser um fim ou uma meta.

Acusada durante muitos anos de favorecer a ignorância e a alienação políticas, a Internet foi enfim absolvida após os movimentos sociais ocorridos no Norte da África no início do ano de 2011. De alienante passou a ser considerada fator determinante dos movimentos políticos.

Castells (Internet, 2011), em outra entrevista, desta vez para Jordi Rovira, da Universidad Oberta de Catalunya, ao analisar a influência dos meios de comunicação nos acontecimentos atuais da Tunísia e do Egito, que culminaram com a queda do ditador Bem Ali e com a deposição do presidente Hosni Mubarak, afirma:

As raízes da rebelião estão na exploração, opressão e humilhação. Entretanto, a possibilidade de rebelar-se sem ser esmagado de imediato dependeu da densidade e rapidez da mobilização e isto relaciona-se com a capacidade criada pelas tecnologias do que chamei de “auto-comunicação de massas”.

Tal explicação revela que a facilidade da comunicação permite maior mobilização de massas, mas que as causas devem ser buscadas na situação social de um país, opinião corroborada pelo jornalista Malcolm Gladwell (Internet, 2011), quando diz que: “[...] as redes sociais não criam movimentos sociais por si só, se as condições para isso não existirem dentro da sociedade em que eles se originaram”.

Da mesma forma, Vera Chaia (Internet, 2011), Professora do Departamento de Política da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, acredita que o espaço para esses movimentos sociais surge em regimes ditatoriais ou no momento em que as instituições formais se tornam ineficientes na representação popular.

Nos países onde as manifestações de rua são comuns, as mobilizações acontecem normalmente na rua e não por via digital. Na Itália, por exemplo, os protestos contra Berlusconi em fevereiro de 2011 levaram centenas de milhares de italia-

nos, em sua maioria mulheres, para as ruas das cidades de Roma, Milão, Gênova, Turim e Palermo. No entender de Pécora (Internet, 2011), também jornalista internacional, “Atribuir as históricas revoltas no mundo árabe somente à circulação de informação na internet é ignorar as dificuldades econômicas e políticas de países que há décadas estão sob regimes autoritários”.

Muitas vezes a importância da Internet se dá a partir de um fato nela divulgado, como o caso da imolação de um vendedor na cidade de Sidi Bouzid. Divulgado no YouTube e pela televisão Al-Jazeera, foi assistido por grande número de espectadores e internautas.

Segundo Faraz Sanei (Apud PÉCORA, Internet, 2011), da Human Rights Watch⁴: “Em locais onde é difícil emergir um líder natural, a internet facilita a mobilização dos cidadãos comuns”. O professor David Anderson, da Universidade de Oxford, (Apud PÉCORA, Internet, 2011), reforça essa colocação, quando explica que “No Egito e na Tunísia, a oposição é fragmentada e muito fraca. Por isso, os movimentos sociais oferecem uma base mais coerente para dissidência e protesto. [...]”. Mas acrescenta que esses movimentos carecem de coerência política, e não está claro se as alianças criadas durante os protestos vão se traduzir em algo concreto.

Segundo ele, as novas tecnologias, principalmente a Internet e o celular, têm papel muito importante na organização dos movimentos sociais, tanto na África como no mundo árabe. Inclusive, recomenda muita cautela ao analisar “[...] onde esse tipo de mobilização pode nos levar” (Idem). Essa cautela está relacionada à impossibilidade de controle sobre o que está escrito, sobre quem escreve e sobre quem lê e ainda sobre como a informação é assimilada.

Parece importante frisar que esses movimentos não levavam a chancela de nenhum grupo político, facção ou liderança. Mas de qualquer forma tais movimentos parecem arautos de uma nova ordem política, nas quais outras são as lideranças e outros os grupos envolvidos.

Segundo Lipovetsky, o mundo vem aos poucos se despolitizando, o que significa que a política deixa de ter importância, sendo substituída pela expansão desmesurada da mídia, que se transformou no “Quarto Poder” (Lipovetsky, 2007, p. 43). Os fatos ocorridos recentemente no mundo árabe, de uma certa maneira, corroboram esta teoria.

⁴ A Human Rights Watch é uma ONG norte-americana, com sede em Nova York, que faz pesquisa e advoga no campo dos direitos humanos.

Na Tunísia, em 2005, aconteceu o congresso internacional Sommet Mondial Sur La Societe De L'information (Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação), realizado sob a égide da União Internacional de Telecomunicações (UIT), órgão da Organização das Nações Unidas (ONU). Nesse congresso, no qual se esteve presente, foram reunidos mais de cem países. Durante as conferências, os Estados Unidos revelaram sua decisão de manter a Internet sob o controle da Internet Corporation for Assigned Names and Numbers (ICANN), entidade responsável pela coordenação global do sistema de identificadores exclusivos da Internet, apesar de a totalidade dos demais países participantes se manifestarem contra.

Para Gustavo Gindre⁵ (Internet, 2011):

[...] ficou claro que um tema em especial ganhava relevância maior do que os outros: a governança da Internet. Particularmente, o controle sobre a infra-estrutura da rede. A fase de Genebra aprovou um pedido para que o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, criasse um grupo de especialistas para propor um novo modelo de governança da Internet. Este grupo (Working Group on Internet Governance – WGIG) funcionou ao longo de 2004 e 2005. Dele fizeram parte dois brasileiros: Alexandre Bicalho (da Agência Nacional de Telecomunicações – Anatel) e Carlos Afonso (da Rede de Informações para o Terceiro Setor – RITS), ambos integrantes do Comitê Gestor da Internet do Brasil (CGI/Br).

Apesar de a criação desse grupo ter sido feita por maioria, a decisão foi unilateral e, “David Gross, responsável pelas políticas de Internet do Departamento de Estado norte-americano, disse que esta governança não fica sob responsabilidade de um país específico, apesar de o Icann estar diretamente ligado aos Estados”. (FOLHA ONLINE, 2005)

O BRASIL NA INTERNET

Nesse início de milênio o Brasil se encaminha para um novo patamar no uso dos meios de comunicação. Não é por acaso que hoje ocupa o 5º lugar entre os países que mais usam a Internet. Segundo Alexandre Sanches Magalhães, gerente de

5 Gustavo Gindre é jornalista, mestre em Comunicação e Cultura, e há vinte anos acompanha e participa de movimentos pela democratização da comunicação. É fundador do Instituto de Estudos e Projetos em Educação e Cultura (INDECS), foi secretário-executivo do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC) e faz parte do Coletivo Intervozes, todos com atuação voltada para a área. É membro do conselho gestor de duas ONGs (Centro Radiofônico de Informação Alternativa – CRIAR, e BemTV) e integra a Associação Mundial de Rádios Comunitárias.

análise do Ibope//NetRatings, o Brasil atingiu esse volume graças à entrada da classe C na utilização desse meio de comunicação. Pesquisa realizada em 2010 pelo CGI – Comitê Gestor da Internet no Brasil – mostra que houve um acréscimo no número de domicílios com computador e acesso à Internet no Brasil, conforme o gráfico do CGI, reproduzido a seguir:

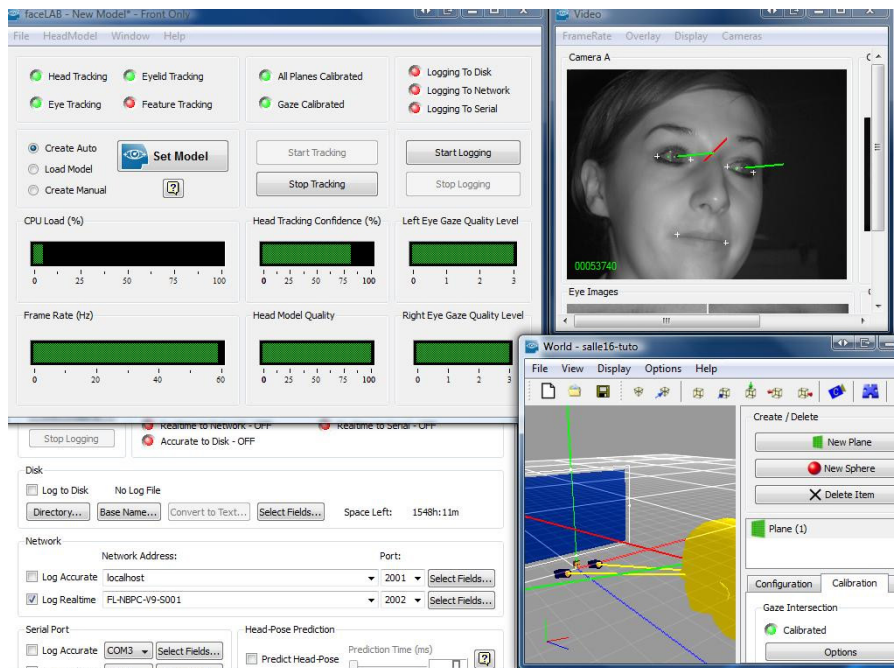


FIG 1. - ONTE: [HTTP://WWW.CGI.BR/PUBLICACOES/REVISTA/EDICAO03/TXT.HTM](http://www.cgi.br/publicacoes/revista/EDICAO03/TXT.HTM)

Deve-se levar em consideração que o crescimento dos usuários é muito significativo, conforme já assinalado. Em 2005, segundo pesquisa do Comitê Gestor da Internet (CGI), apenas 16,6% tinha computador em casa e desse percentual, apenas 9,6% utilizava a Internet. Em dois anos o número de usuários que possuem computador em casa cresceu 27%.

Em pesquisa divulgada em 15 de março de 2011, o Instituto Ibope Nielsen Online⁶ apresentou um crescimento de 18,8% em apenas um ano com relação aos inter-

⁶ Multinacional brasileira de capital privado, o IBOPE é uma das maiores empresas de pesquisa de mercado da América Latina.

nautas brasileiros, cujo número atinge 43,6 milhões de pessoas, conforme pode ser visualizado no próximo gráfico, do próprio Instituto.

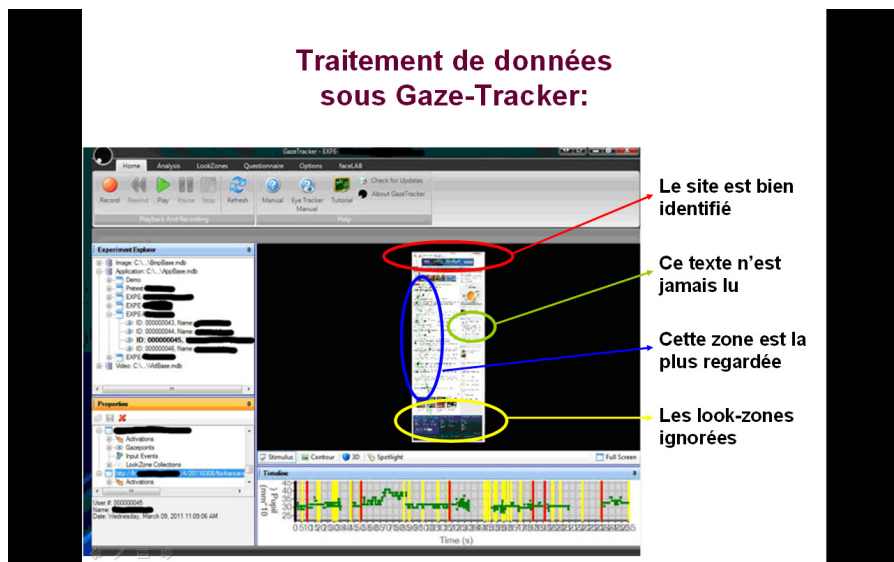


FIG. 2

Mesmo assim, ainda há uma grande disparidade entre a zona rural e a urbana, no Brasil. Dado ao seu tamanho continental, nem todas as regiões têm as mesmas condições de serviços necessários (telefonia e eletricidade) para esse meio de comunicação.

Em pesquisa realizada pelas autoras em 2005⁷, constatou-se que havia propriedades onde o telefone ainda não havia chegado e outras onde ele chegara há apenas um ano. Havia ainda propriedades onde a eletricidade ainda não tinha sido instalada. E o Estado do Rio Grande do Sul conta com uma população de 10.695.532 habitantes, portanto, cerca de 800.000 vivem sem acesso à Internet. E isso não acontece apenas no Rio Grande do Sul. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010 o Brasil possuía 190.732.694 habitantes, sendo que, destes, 84% vivem na zona urbana e 16% na zona rural. Estima-se que cerca de 10% da população, ou seja, 19.000.000 ainda não têm acesso à energia elétrica, o que corresponde a 4 ou 5 milhões de domicílios, segundo da-

⁷ Projeto Cultura e Comunicação: o efeito das novas tecnologias (TV, Internet) nas comunidades rurais do Rio Grande do Sul (1985 – 2005).

dos do Ministério das Minas e Energia do Brasil (POPPE, Internet, 2005). Mas isso não significa que os habitantes da zona rural não tenham acesso à Internet. Na pesquisa realizada, 63 dos lares têm computador e 51% utilizam a Internet, sendo que alguns o fazem fora de casa, no trabalho ou na escola.

Da mesma forma que acontece em relação à eletricidade, a telefonia rural no Brasil também é deficitária. Pereira (Internet, 2010), gerente do IBGE, apresentando dados da Pnad 2009 (**Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**), destaca o acesso à telefonia, afirmando que: “[...] enquanto na área urbana 89,4% da população tem um telefone, na área rural apenas 54,8% da população têm acesso a um telefone”.

Em relação aos meios de comunicação, a pesquisa que se realizou constatou que 84% das famílias contatadas têm telefone celular e 100% têm telefone fixo há cerca de nove anos, em média. A situação varia em relação à distancia do centro urbano. Assim, nas propriedades mais próximas das cidades o telefone chegou mais cedo do que nas outras. Há algumas propriedades que possuem telefone há apenas um ano.

Em relação à Internet, apenas 4% a utilizam para negócios, ou seja, apenas um dos donos das propriedades analisadas até o momento declarou que a usa com esta finalidade. Existem computadores em 34% das casas visitadas. Constatou-se que apenas os filhos utilizam a Internet, e isto é feito para trabalhos escolares, mas 43,47% deles têm acesso à rede em outros locais, como escola e trabalho. Os agricultores mais velhos não parecem interessados no mundo virtual e até entre alguns jovens se encontrou resistência ao uso das novas tecnologias.

DO HOMEM AO DISCURSO

Não há dúvida de que a Internet tem se mostrado favorável ao desenvolvimento do comércio, dos serviços e de novas formas de publicidade e propaganda. Mais do que isso, propiciou o surgimento de novas fortunas baseadas na descoberta de novos softwares. Mas uma das maiores novidades por ela proporcionada foi sem dúvida o seu uso para mudanças políticas.

Não cabe aqui, espaço limitado, analisar todas as mudanças provocadas pelas invenções de Bill Gates (Microsoft), Larry Page e Sergey Brin (Google), Julian Assange (WikiLeaks), Orkut Büyükkökten (Orkut), Mark Zuckerberg (Facebook), Linus Torvalds (Linux), David Filo e Jerry Yang (Yahoo), que vieram a alterar a economia, as comunicações, a propaganda, a publicidade e a própria informação. Em geral

jovens estudantes, foram os inventores que, com perspicácia, conseguiram dar outras bases à economia mundial. Criaram novos serviços, novos empregos, novas realidades socioeconômicas, novas relações e nova política, tornando muito velha a antiga ordem e dando origem a uma nova ordem mundial.

Segundo Foucault (1966a, p. 500), citado por Marcondes Filho (Internet, 2007), “[...] antes havia o discurso (da representação), depois veio o homem (figura do saber), agora, é hora novamente do retorno do discurso [...]”. E Marcondes Filho (Idem) complementa:

Homem e discurso não podem conviver pacificamente. O discurso que retorna é o da virada lingüística, Foucault não o exprime literalmente, mas é evidente que se trata disso. É a linguagem que surge na passagem para o século 20 “com insistência cada vez maior”, é o ser da linguagem que agora “brilha no horizonte”. O homem, diz Foucault, vai desaparecer não tanto como objeto do saber, afinal, o pensamento e a filosofia continuam sua investigação sobre ele, mas como sujeito da liberdade e da existência.

Essas mudanças foram tão radicais quanto as ocorridas entre o Antigo Regime e a Revolução Francesa, tão bem analisadas por Foucault, ou talvez mais. A análise do discurso de Foucault dá um novo sentido não só à lingüística, como à comunicação. Um discurso que foi substituído pelo homem e hoje passa a superar o homem.

REFERENCIAS

- CABRAL FILHO, Adilson; COUTINHO, Guttenberg. Web.2: caminhos e desafios no desenvolvimento da internet. In: FRAGOSO, Suely; MALDONADO, Alberto Efendy (Orgs.). A internet na América Latina. São Leopoldo: UNISINOS; Porto Alegre: Sulina, 2009, 212 p.
- CASTELLS, Manuel. A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, 325 p.
- CASTELLS, Manuel. Entrevista concedida a Jordy Rovira, em 01 de março de 2011. [on line] Disponível em <http://www.outraspalavras.net/2011/03/01/castells-sobre-internet-e-insurreicao-e-so-o-comeco>. [Acesso em 13/04/2011].
- CASTELLS, Manuel. Entrevista concedida do jornal El País em janeiro de 2008. [on line] Disponível em <http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/manuel-castells-%E2%80%99Co-poder-tem-medo-da-internet>>. [Acesso em 13/04/2011].

- CHAIA, Vera. Apud JANONI, Ângela. Internet e as manifestações políticas no Egito. [on line] Disponível em <<http://solteagravata.com/2011/02/18/internet-e-as-manifestacoes-politicas-no-egito>>. Acesso em 13/04/2011.
- FREY, Klaus. Crise do Estado e estilos de gestão municipal. In: LUA NOVA: REVISTA DE CULTURA DE POLÍTICA. Nº. 37, p. 107-138. São Paulo, 1996.
- FREY, Klaus. Na sociedade em rede: o potencial das novas tecnologias de informação e comunicação. In: REVISTA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA. Nº. 21 p.165-185. Curitiba/PR, Nov. 2003.
- GLADWELL, Malcolm. Apud JANONI, Ângela. Internet e as manifestações políticas no Egito. [on line] Disponível em <<http://solteagravata.com/2011/02/18/internet-e-as-manifestacoes-politicas-no-egito>>. Acesso em 13/04/2011.
- <http://culturadigital.br/conteudosdigitais/2010/07/12/a-internet-muda-os-paradigmas-da-relacao-entre-comunicacao-e-poder-entrevista-com-manuel-castells/> Acesso em 25/04/2011.
- <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/17792/1/R0625-1.pdf><http://marcelayres.com/blog/2011/03/ibope-dados-sobre-internet-e-midias-sociais-no-brasil/> Acesso em 25/04/2011.
- <http://solteagravata.com/2011/02/18/internet-e-as-manifestacoes-politicas-no-egito>. Acesso em 25/04/2011.
- <http://ultimosegundo.ig.com.br/revoltamundoarabe/internet+favorece+mobilizacao+apartidaria+em+regimes+fechados/n1237980857841.html>. Acesso em 25/04/2011.
- CGI. <http://www.cgi.br/publicacoes/revista/edicao03/txt.htm>. Acesso em 25/04/2011.
- http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1766
- <http://www.outraspalavras.net/2011/03/01/castells-sobre-internet-e-insurreicao-e-so-o-comeco>
- http://www3.aneel.gov.br/atlas/atlas_1edicao/atlas/aspectos_socioeco/11_3_1indices.html. Acesso em 25/04/2011.
- JAMIL - http://www.ip.pbh.gov.br/ANO10_N2_PDF/participacao_politica_internet.pdf. Acesso em 25/04/2011.
- MAGALHÃES, Alexandre Sanches. [on line] Disponível em: <http://www.tobeguarany.com/internet_no_brasil.php> [Acesso em 12/04/2011].
- MOLON, Newton Duarte. Redes sociais, novo lócus político. (23/03/2010) [on line] Disponível em <http://www.casperlibero.edu.br/rep_arquivos/2010/03/23/1269387687.pdf>. [Acesso em 12 abr. 2011].
- PÉCORA, Luísa. Internet favorece mobilização apartidária em regimes fechados. [on line] Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/>

- revoltamundoarabe/internet+favorece+mobilizacao+apartidaria+em+ regimes+fechados/n1237980857841.htm">. [Acesso em 12/04/2011]
- PEREIRA, Cimar Azevedo, 2010. [On line] Disponível em: <<http://www.aredo.inf.br/inclusao/component/content/article/106-acontece/3487-md-a-quer-encerrar-2010-com-400-telecentros-rurais-instalados>>. [Acesso em 26/04/2011].
 - POPPE, Marcelo Khaled. Universalização do acesso à energia elétrica no Brasil: características, oportunidades e desafios. [On line] Disponível em <http://www.cgu.unicamp.br/energia2020/papers/paper_Poppe.pdf>. [Acesso em 25/04/2011].
 - RECUERO, Raquel. Considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs. [On line] Disponível em <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/17792/1/R0625-1.pdf>>. [Acesso em 5/04/2011].
 - RODRIGUES, Francisco Aparecido. Caracterização, classificação e análise das redes complexas. Orientador Luciano da Fontoura Costa. Tese apresentada no Instituto de Física de São Carlos (USP). 2007.
 - SANTOS, Laymert Garcia dos. Politizar as novas tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética. São Paulo: 34, 2003, 320 p.

ISSN 2182-6552



9 772182 655002



RÉSEAU
MÉDITERRANÉEN
DE CENTRES
D'ÉTUDES ET
DE FORMATION